

# Madeireiros ameaçam fechar a BR-374

Eles afirmam que medidas do governo engessaram o setor em Rondônia e que as demissões vão aumentar. O segmento é o segundo maior empregador do estado

Ivânia Vieira

Empresários do setor madeireiro de Rondônia estão em pé de guerra com o governo federal. O motivo são as proibições do Ministério do Meio Ambiente e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), de corte raso e do transporte de toras de madeira, respectivamente. Os madeireiros afirmam que se o veto for mantido haverá demissão em massa. Eles não descartam a realização de protestos, incluindo o fechamento da BR-364, única via de acesso da região com o Centro-Sul do País. Em 97, a BR chegou a ser fechada por problemas idênticos.

"É muito difícil descrever a situação", disse por telefone a A CRÍTICA, Aldo Josefovitz, que atua nesta área no município de Cacoal (RO). Segundo ele, o setor madeireiro em Rondônia passa hoje por momentos difíceis. Josefovitz, que representa o setor na Federação das Indústrias do Estado de Rondônia, é um dos mais revoltados com as proibições. Não descarta o bloqueio da 364 - "se não houver solução seremos obrigados a fazer isso novamente". Disse estar cansado de ver o setor madeireiro ser tratado como o vilão do meio ambiente. "Nunca fizemos uma derrubada ou queimada. Pelo contrário, aproveitamos o que os outros derrubam", defende. "Se há desmatamento clandestino ou de qualquer natureza, sugerimos que o Ibama fiscalize, autue e prenda".

Nas contas dos madeireiros rondonienses, eles estão fazendo sua parte. Afirmam que nos últimos quatro anos plantaram mais de 35 milhões de árvores e que há mais de 20 anos 70% da madeira retirada daquela região são queimadas. "Não somos nós, os madeireiros, quem fazemos isto", informa Aldo Josefovitz.

O presidente do sindicato dos madeireiros de Ji-Paraná (RO), Jurandir Gomes de Almeida, reforça as dificuldades que o segmento enfrenta. Disse, por telefone, que a indústria - responsável por cerca de 35 mil empregos diretos - já começou a demitir (não citou números). "Se encontrarmos uma saída sensata para o impasse gerado com essas

**“Nunca fizemos uma derrubada ou queimada. Pelo contrário, aproveitamos o que os outros derrubam”**

Aldo Josefovitz

proibições, com certeza as demissões vão aumentar", antecipa.

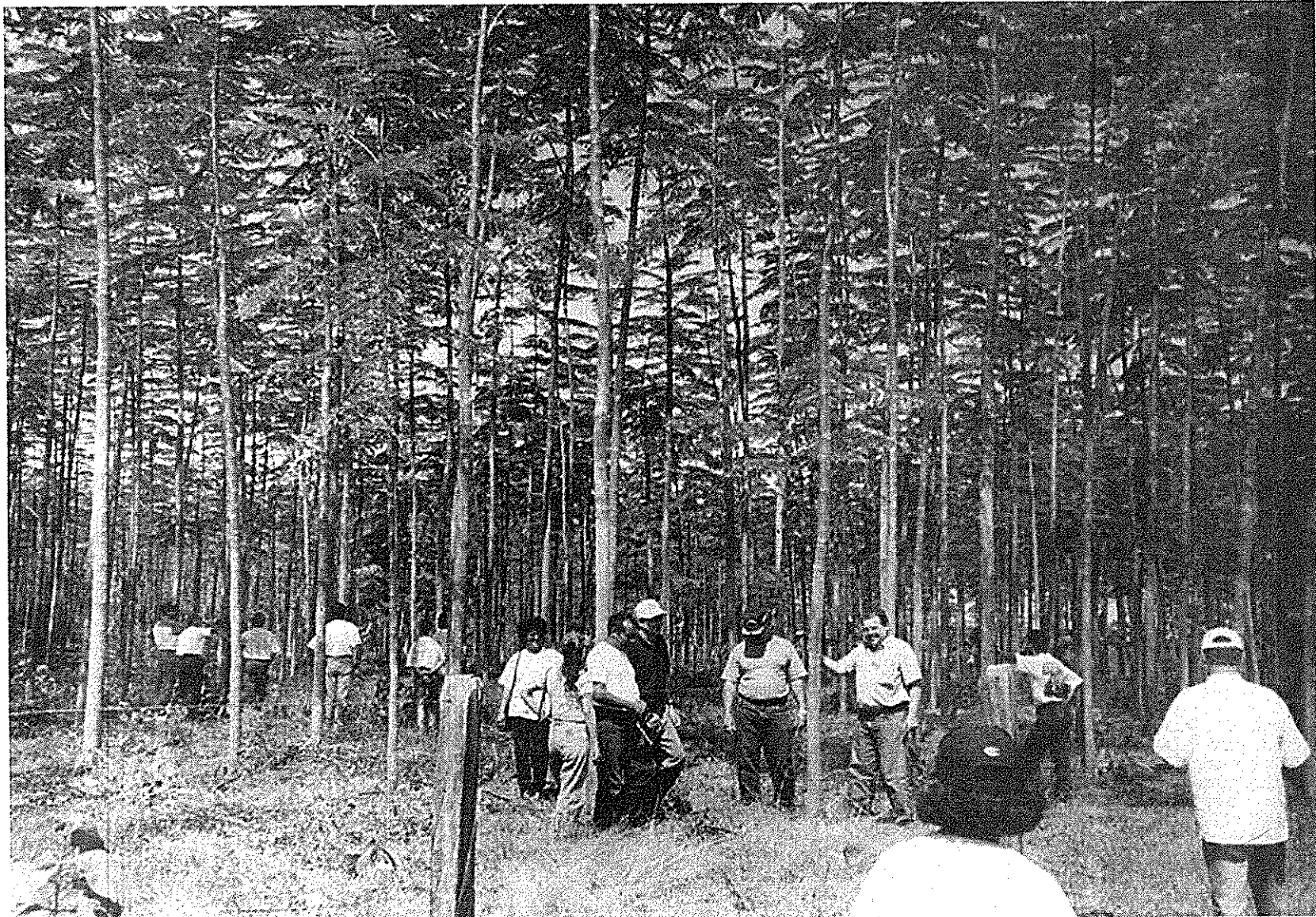
Almeida estima que as indústrias estão trabalhando com apenas 30% da sua capacidade. "Não somos só nós. O problema é o mesmo no Pará, no Amazonas e no Mato Grosso", disse.

**Negociação** - Em Rondônia, os madeireiros estão recorrendo aos parlamentares que representam o estado no Congresso Nacional para que negocie, com o ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, uma solução. "Uma coisa é proibir o desmate por quatro meses e outra coisa a extração de madeira junto com isso", disse. Uma comissão está avaliando o assunto.

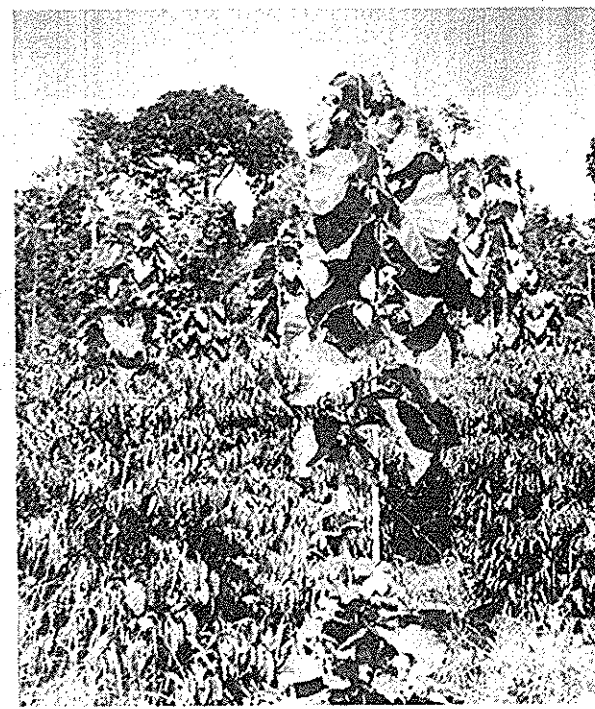
O Pará o maior produtor de madeiras da Região Norte, em segundo lugar vem Rondônia, com 1,5 milhão de metros cúbicos por ano que correspondem a R\$ 900 milhões e R\$ 1 bilhão/ano.

"É o setor que mais distribui riquezas", disse Jurandir Almeida, com base em estudo que mostra 18 estágios em que a atividade se transforma em benefício para diferentes segmentos que atuam na área. Em regiões com a de Rondônia, o madeireiro compra do colono assentado as árvores da gleba que decide desmatar. Jurandir afirma que, para a maioria dos colonos, a compra da madeira representa ao assentado a primeira chance de receber algum dinheiro para tocar o seu negócio.

Rondônia tem 800 madeiras que respondem por 30% da arrecadação dos impostos. "É o maior empregador, depois do estado", garante Aldo Josefovitz, mas "as autoridades de Brasília não vêm isso. Ao contrário, pararam o setor", alfineta.



Área de manejo em Cacoal: madeireiros dizem que já replantaram mais de 30 milhões de árvores e questionam o papel de vilão do meio ambiente



Plantação de teca, espécie asiática introduzida em RO

## Reflexo é menor no Amazonas

No Amazonas, o principal pólo madeireiro do estado é o de Itacoatiara (a 170 quilômetros de Manaus) que empregou, até início de 97, 3.500 pessoas, hoje são 1.200 postos ocupados. O gerente Florestal da Gethal da Amazônia, instalada no município, Fernando Ludke, disse que o problema vivenciado pelos madeireiros de Rondônia ainda não se reflete por aqui, onde a maioria das madeiras já possui plano de manejo. Segundo ele, chega a ser raro o uso, no estado, da autorização de desmate.

Uma outra modalidade de exploração, é a seletiva (são pequenas propriedades de até 500 hectares que podem desmatar 50% da área). Esta está proibida pelo ministério do Meio Ambiente, mas de acordo com Ludke, as autorizações que tinham sido concedidas

antes do veto puderam ser feitas.

**Atuação forte** - Fernando Ludke disse que, no Amazonas, tanto o Ibama quanto o Instituto do Meio Ambiente (Ipaam) são mais atuantes do que em outros estados, numa alusão ao enquadramento das madeiras às exigências da legislação. Itacoatiara responde pela maior fatia da produção de madeira no estado, 5 mil metros cúbicos/mês, entre cerrados e compensados.

A CRÍTICA procurou ouvir ontem, à tarde, a direção do Ibama, no Amazonas. O superintendente regional do órgão, Hamilton Casara, segundo informações repassadas por funcionários, viajou para Brasília e o diretor de fiscalização, Antonio Nery, não foi localizado. A CRÍTICA deixou os números de telefone da redação para retorno, o que não ocorreu até às 19h35m.

## Documento critica governadores do Norte

Trechos do documento divulgado por madeireiros de Cacoal, em Rondônia, no dia 11 deste mês que tem como título "A Amazônia tem dono".

"Os sete estados do Norte, que fazem parte da Amazônia têm mais de 15 milhões de habitantes, que são os verdadeiros donos da Amazônia. É preciso que fique bem claro porque, na prática, todo mundo quer ter direito sobre a Amazônia, e o que é pior as autoridades brasileiras dizem amém. Qualquer política ambiental, econômica ou social aqui aplicada, deve se levar em conta sempre, em primeiro lugar, os seus habitantes. Não é isso que tem acontecido, há muitos anos os seus direitos estão sendo violados pelo governo federal, por meio de decretos, medidas provisórias, portarias, fiscalizações arbitrárias, etc. As mais abusivas foram, em 1996, a medida provisória nº 1.511, que tomou 30% de todas as propriedades rurais sem desapropriar ou indenizar ninguém. Agora a portaria nº 16N, de 17/02/99, cujo objetivo é parar os desmatamentos, é até compreensível principalmente os clandestinos, mas proibir as retiradas das madeiras aproveitadas pela indústria madeireira é algo absurdo, incompatível com a nossa realidade.

Criou-se em conceito equivocado que o setor madeireiro é o responsável pelos desmatamentos e queimadas, apesar de nós provarmos muitas vezes ao Ibama que os madeireiros jamais fizeram derrubadas ou queimadas. Se dependesse dos madeireiros, as florestas estariam intactas. Porque nós extraímos apenas o que interessa para a indústria, somente as árvores maduras, que dá em média cinco árvores por ha, essa extração se faz através de projeto de manejo florestal. Esse debate facilita a fotossíntese e permite desenvolver muitas outras árvores em volta, a capacidade de regeneração da floresta Amazônica é muito grande.

Somente em Rondônia entre as florestas nacionais, são aproximadamente 5 milhões de hectares... É bom lembrar ainda que entre essas áreas, parques nacionais, estaduais, reservas biológicas e reservas indígenas, somente essas áreas são superiores a 50% do território de Rondônia coberto de florestas.

O que precisamos compreender é que existe uma pecuária e uma agricultura em pleno desenvolvimento. Todos sabem que os estados do Norte contribuem com uma parcela significativa na produção de alimentos e carne bovina, Rondônia se destaca na produção de café por isso atividade econômica madeireira, faz parte desse ecossistema. Aproveita aquela madeira que viraria cinza nos pastos e lavouras, transforma em empregos, impostos e fornece madeira para construção civil e fábrica de móveis de todo Brasil, além da exportação.

Ainda assim, 70% das madeiras, das derrubadas são queimadas, com o aval e conhecimento do Ibama de Brasília, pois muitas vezes nas reuniões, os sindicatos denunciaram a complexa burocracia que encarece o custo e impede que se faça um aproveitamento total, sem resultado com isso quem perde mais é a região. Milhares de empregos poderiam ser criados se tivesse uma legislação adequada outras indústrias madeireiras especializadas em aproveitamentos poderiam se instalar na nossa região. No entanto, milhões de metros cúbicos de madeiras foram queimados durante esses vinte anos ou mais que a região Norte foi colonizada. Alguém teria que ser responsabilizado por isso, é bom acrescentar que devido as dificuldades burocráticas, os fazendeiros preferem vender as madeiras das derrubadas, portanto mesmo que não houvesse nenhuma madeireira na região, os desmatamentos seriam os mesmos.

Baseada nesta legislação, milhares de empresas se instalaram em todos os estados do Norte, proporcionando milhões de empregos. Agora o senhor José Sarney (filho), faz exatamente o contrário do pai. Quer mandar todo mundo de volta,

Com toda essa disponibilidade de matéria prima, ironicamente milhares de empresas foram fechadas. Temos conhecimento que as fiscalizações vêm de Brasília, já com metas definidas fechar X madeira, apreender X metros de madeiras, fazer X autos de infrações. Sem se importar com as consequências, todos sabemos que quando se fecha uma empresa, além do problema econômico existe o social, o desemprego. Uma grande parte retorna para a Região Sul, para engrossar a fila dos desempregados e consequentemente aumentar a violência nas grandes cidades. Essa é a política ambiental aplicada aqui na Amazônia.

Senhores governadores, até quando vão permitir tudo isso, esse desperdício de matéria-prima? Será que não está na hora de rever tudo que está errado? Os Estados Unidos por exemplo, defendem suas empresas em qualquer parte do mundo, porque eles sabem que somente elas produzem riquezas, empregos e impostos, ao contrário do Brasil que as empresas não são valorizadas e fazem de tudo para fechá-las.

Para compreendermos melhor a Região Norte, precisamos voltar a alguns anos atrás, nos anos 70 e 80, os governos federais da época entre eles o sr. José Sarney (pai), estimularam, incentivaram os brasileiros dos estados do Sul e do Nordeste para ocuparem a Amazônia. O povo atendeu, foram distribuídas terras, o requisito básico era o desmate. Quanto maior, maior o tamanho da área que se tinha direito. Enfim a legislação garantia que cada propriedade rural poderia desmatar até cinquenta por cento da área.

Baseada nesta legislação, milhares de empresas se instalaram em todos os estados do Norte, proporcionando milhões de empregos. Agora o senhor José Sarney (filho), faz exatamente o contrário do pai. Quer mandar todo mundo de volta,

quer fechar a Amazônia. Jogou toda a legislação no lixo, editou uma portaria proibindo tudo.

Se existem os desmatamentos clandestinos, pois que se fiscalize e se autuem os culpados, o que não se pode é generalizar em todos os setores sempre vamos encontrar pessoas que desrespeitam a lei, o povo, os empresários estão preocupados, quando que podemos ter segurança e confiar nas leis brasileiras. A cada ano que passa, as medidas provisórias, as portarias são mais arrogantes.

O povo quer que as autoridades constituídas de todos os estados do Norte, especialmente governadores, bancadas federais se unam, formem um bloco e deem um basta a esta humilhação, a essa discriminação e digam ao governo federal e ao mundo inteiro que a Amazônia tem dono, que são os seus habitantes e os senhores são os nossos representantes.

...Os governos do Norte, mostraram fraqueza em relação a medida provisória nº 1.511, em vigor até hoje. Agora veio outro pior. Cada governo conhece melhor a sua realidade e tem mais condições de administrá-la com mais eficiência.

Todo o povo do Norte está sendo ofendido e desrespeitado há muito tempo. Essa última portaria é de uma arrogância indizível, merecemos um pedido de desculpa.

... É preciso que os governos da região não se deixem seduzir com verbas internacionais, que todo mundo sabe, não resolvem nada. Pois não chegam ao setor produtivo, sempre se perdem na burocracia dos gabinetes.

Agora se o objetivo dessa portaria é baderna, é bagunçar, então foi na hora de mudar de atitude que nós queremos dizer que nem mil portarias vão impedir o nosso progresso ou por bem ou por mal, tomara que seja por bem.

Todo mundo sabe que o povo brasileiro é pacífico, mas não é bom que se confunda com covardia."

### Leque amplo

Principais linhas de atividade da Empresa contempladas no PDU a ser desenvolvido nos próximos cinco anos.

#### Recursos Florestais

- \* manejo sustentável da floresta nativa, madeireiro, não madeireiro e biodiversidade
- \* silvicultura tropical

#### Produção de matéria-prima

- \* dendê
- \* guaraná
- \* seringueira

#### Sistemas agroflorestais

- \* pesquisa básica
- \* pesquisa participativa, com ênfase na organização dos produtores, transferência de tecnologia, agroindústria, comercialização e marketing

#### Produção de alimentos

- \* mandioca
- \* piscicultura
- \* cupuaçu
- \* frutas
- \* hortaliças
- \* grãos
- \* produção animal